

MARX, ENGELS E A LITERATURA COMO CONSCIENTIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

DOI: 10.48075/ri.v26i1.31189

Amaral Rodrigues Gomes¹

Erlando da Silva Rêses²

RESUMO: O presente artigo analisa como Karl Marx e Friedrich Engels compreendiam a literatura como meio de (re)produção capitalista, indicando suas contribuições para (re)construção de uma nova sociedade, a partir da consciência revolucionária. Discorremos sobre a trajetória desses autores, entendendo as manifestações literárias como potenciais elementos para estratégias de ensino e aprendizagem capazes de construir uma consciência proletária, articulada a literatura revolucionária. Embasamo-nos em Cotrim (2016), Lukács (2010), Silva (2012) e Vedda (2003), a partir de uma pesquisa de cunho qualitativo, pautada na revisão bibliográfica. Articulamos, aos preceitos de Marx e Engels, dois poemas: *O Bicho* de Manuel Bandeira (1986) e *Lixo* de Augusto de Campos (1986), indicando caminhos para a utilização da literatura voltada à conscientização revolucionária. Nossos resultados apontam a importância da aproximação desses teóricos à realidade dos indivíduos desprovidos da lógica capitalista e neoliberal como uma forma de libertação das desigualdades, condicionamentos sociais e exploração humana.

Palavras-chave: Consciência Revolucionária; Luta de Classes; Dialética; Literatura; Desigualdades Sociais.

MARX, ENGELS AND LITERATURE AS REVOLUTIONARY CONSCIOUSNESS

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da UnB na linha de pesquisa Educação em Ciências e Matemática (ECMA), Integrante do grupo de pesquisas e Investigações em Educação Matemática (PI), coordenado pelo prof. Dr. Cleyton Hércules Gontijo. Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB), Graduado em Licenciatura em Pedagogia-Formação de Professores para as Séries Iniciais (UNICEUB) e Licenciatura em Matemática (UNITINS) E-mail: amarodri@gmail.com

² Doutor e mestre em Sociologia pela UnB com pós-doutorado em Educação na Faculdade de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres. Professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB) e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Materialismo Histórico-Dialético e Educação (CONSCIÊNCIA). E-mail: erlandoreses@gmail.com

ABSTRACT: This article analyzes how Karl Marx and Friedrich Engels understood literature as a means of capitalist (re)production, indicating their contributions to the (re)construction of a new society, based on revolutionary consciousness. We discuss the trajectory of these authors, understanding literary manifestations as potential elements for teaching and learning strategies capable of building a proletarian consciousness, articulated with revolutionary literature. We are based on Cotrim (2016), Lukács (2010), Silva (2000) and Vedda (2003), based on qualitative research, based on a bibliographic review. We articulate, with the precepts of Marx and Engels, two poems: *O Bicho* by Manuel Bandeira (1986) and *Lixo* by Augusto de Campos (1986), indicating ways for the use of literature aimed at revolutionary awareness. Our results point to the importance of bringing these theorists closer to the reality of individuals devoid of capitalist and neoliberal logic as a form of liberation from inequalities, social conditioning and human exploitation.

Keywords: Revolutionary Consciousness; Class Struggle; Dialectics; Literature; Social Inequalities.

INTRODUÇÃO

O presente artigo problematiza a literatura como mecanismo de (re)produção da lógica capitalista. Vedda (2003) afirma que a literatura foi apresentada a Karl Marx por seu pai Heinrich Marx (1777-1838), mas foi por meio do Barão Von Westphalen (1770-1842), amigo da família, que posteriormente veio a ser seu sogro, que o contato de Marx e a literatura se intensificou, com o início da leitura do poeta da Grécia Antiga Homero e do poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare. Esse contato com a literatura foi intensificado quando Karl Marx passou a estudar na universidade de Berlim. Marx e Engels tiveram um elevado interesse pela literatura durante suas vidas. Vedda (2003) ressalta que uma correspondência juvenil testemunha que Marx, durante um tempo, vislumbrou a poesia como um objetivo para sua vida e carreira.

Marx entrou na universidade em 1835 com 17 anos, orientado por seu pai a se matricular em matérias jurídicas, física e química. Contrariando as orientações paternas, Marx se matriculou apenas em três disciplinas jurídicas e, ao contrário de física e química, escolheu disciplinas artísticas e literárias (Silva, 2012). As disciplinas literárias cursadas, contribuíram para que Marx, na maturidade, elaborasse conceitos concretos e adotasse a tendência de utilização de metáforas em suas obras, auxiliando-o a analisar o modo de produção capitalista, em razão da sólida formação clássica na juventude.

Natalli (2006, p. 35) define a literatura conforme o fragmento a seguir:

A categoria literatura é uma parte fundamental dessa estrutura intelectual moderna, ancorada na história e na ideia de objetividade, pois com ela cria-se um receptáculo para abrigar tudo aquilo que não é história. A partir dessa invenção dupla – da história e do resto –, essa cartografia moderna pode sair pelo mundo

mapeando as formas discursivas que encontrasse, independentemente das genealogias particulares e dos sistemas epistêmicos específicos que alinhasssem as práticas locais. Dessa forma, podemos chamar de “literatura” não apenas poemas, romances ou dramas, mas também práticas discursivas religiosas – as “lendas”, o “folclore” e o canto do índio de Antônio Cândido.

Nessa esteira, este artigo tem como principal objetivo analisar as relações de Karl Marx e Friedrich Engels com a literatura, tecendo reflexões baseadas no materialismo histórico dialético para a construção de uma consciência revolucionária do proletariado, na busca pela emancipação humana e a superação da exploração de um ser humano pelo outro. Considerando esses objetivos, delineamos as seguintes questões de pesquisa: quais são as principais articulações possíveis das obras de Marx e Engels com a literatura? Como a literatura pode ser utilizada no contexto educacional no desvelamento das desigualdades sociais? A partir de quais estratégias as escolas podem desenvolver a literatura como um produto de crítica social às desigualdades?

O presente estudo caracteriza-se como uma investigação de natureza qualitativa, operacionalizando-se a partir da articulação entre a teoria de Marx e Engels e dois poemas: *O Bicho*, de Manuel Bandeira (1986) e *O Lixo* de Augusto de Campos (1986). Com base nesta articulação, indicamos caminhos para que a literatura seja utilizada como aporte cultural e social, sobretudo no espaço escolar, em prol da busca por uma mentalidade revolucionária. Com base na análise desses poemas, é possível identificar elementos que revelam a realidade social e política do Brasil. O poema *O Bicho*, de Manuel Bandeira, por exemplo, traz à tona a condição humana e a exploração do trabalhador, enquanto *O Lixo*, de Augusto de Campos, aborda a problemática do consumismo e do desperdício na sociedade contemporânea.

Consideramos a literatura como uma criação humana. Por esse motivo, nos interessamos em compreender como Marx e Engels se posicionam, frente a esse campo de criação humana, tendo em vista suas contribuições para a construção de uma sociedade na qual não haja exploradores ou explorados. Ao relacionar esses temas com os conceitos de Marx e Engels, é possível perceber que a literatura pode ser utilizada como ferramenta para a conscientização e mobilização social. No ambiente escolar, essa abordagem pode contribuir para a formação de uma mentalidade crítica e transformadora, capaz de questionar as estruturas sociais e lutar por mudanças. A análise enfoca o Materialismo histórico dialético de Karl Marx.

Organizamos a presente exposição a partir dos seguintes tópicos: inicialmente abordamos as trajetórias de Marx e Engels, ressaltando seu aporte de pesquisas e contribuições no questionamento sobre a reprodução das desigualdades sociais. Posteriormente, desenvolvemos algumas considerações sobre a presença da literatura nas obras de Marx e Engels, embasadas nas bibliografias estudadas. Após, trazemos alguns exemplos sobre como alguns poemas podem ser utilizados no espaço escolar, contribuindo para a busca desse desvelamento social. Finalmente, apresentamos algumas considerações acerca deste debate.

MARX E ENGELS E SUAS TRAJETÓRIAS

Na presente seção abordamos os percursos que levaram Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895) às contribuições da literatura e sua (re)configuração social. Vedda (2003) afirma que Marx e Engels mostraram interesse pela literatura durante suas trajetórias. Além disso, conforme já abordado na introdução deste artigo, Marx, em sua juventude chegou a considerar se tornar um poeta. Ele lia várias línguas europeias e escrevia em alemão, francês e inglês, com o passar do tempo, aos cinquenta anos, se dedicou aprender russo, chegando a ler textos originais na língua russa. Marx também tinha um vasto conhecimento em grego antigo e latim, sobretudo, lia textos literários nessas línguas.

Friedrich Engels, por sua vez, iniciava seu trabalho intelectual como crítico literário. Aos dezenove anos ele já escrevia cartas, alternando os idiomas, inglês, francês, italiano, espanhol, português e holandês. As trajetórias de Marx e Engels são marcadas por uma intensa colaboração intelectual e política. Eles se conheceram em Paris, em 1844, e logo se tornaram amigos e parceiros de trabalho. Juntos, escreveram vários textos e fundaram a Liga dos Comunistas, uma organização política que teve um papel fundamental na história do socialismo (Vedda, 2003).

Ambos defendem uma análise baseada nas questões concretas, principalmente observando as lutas de classes no sistema de produção capitalista e criticando veemente Ferdinand Lassale (1825-1864), teórico e democrata alemão, por seu viés idealista, embora às vezes se aproximasse das relações históricas. Ferdinand Lassale é considerado o precursor da social-democracia alemã e contemporâneo de Marx. Ambos foram aliados durante a revolução Prussiana de 1848, todavia romperam as relações posteriormente, em 1864. Marx refutou o idealismo, uma vez que a atividade humana sofre influências ideológicas a partir da

infraestrutura e superestrutura no sistema de produção capitalista. Portanto, a análise não pode ser metafísica, mas sim, histórica e dialética para compreender as contradições contidas e incutidas pela classe dominante (Vedda, 2003).

O Materialismo Histórico Dialético é uma teoria filosófica desenvolvida por Marx e Engels no século XIX. Essa teoria busca explicar a história humana e a sociedade a partir das condições materiais em que as pessoas vivem e das relações sociais que estabelecem entre si. Segundo o Materialismo Histórico Dialético, a história é marcada por conflitos entre classes sociais que detêm diferentes níveis de poder e controle sobre os meios de produção. Esses conflitos são determinados pelas forças produtivas da sociedade, ou seja, pelos recursos materiais disponíveis e pelas tecnologias utilizadas para transformá-los (Martins; Lavoura, 2018).

De acordo com Martins e Lavoura (2018), essa teoria considera que as mudanças históricas não ocorrem de forma linear ou aleatória, mas sim por meio de transformações qualitativas que resultam em novas formas de organização social. Essas transformações são impulsionadas pelas contradições internas do próprio sistema social, que geram crises e conflitos capazes de transformar as relações de poder existentes. Assim, o Materialismo Histórico Dialético se apresenta como uma teoria crítica e revolucionária, que busca compreender a história e a sociedade a partir de uma perspectiva transformadora e emancipatória.

[...] para o materialismo histórico-dialético há que se ter uma separação clara entre o que é da ordem da realidade, portanto, aquilo que de fato é propriedade do objeto ou fenômeno investigado, daquilo que é da ordem do pensamento, ou seja, aquilo que se constitui como o conhecimento operado pelo sujeito investigador (Martins; Lavoura, 2018, p. 228).

É sabido que Marx e Engels, eram discípulos de Friedrich Hegel (1770-1831), representante do idealismo na Alemanha, apesar disso, a preocupação com os fenômenos materiais da sociedade permaneceram como objetivo de interesse de Marx e Engels. Politzer (2001, p. 108), assevera que, para Engels, a “dialética de Hegel conservava-se na cabeça, [portanto,] era preciso repô-la aos pés”. Assim, entende-se que as circunstâncias que estruturam a realidade encontram-se em constante movimento. Por seguir o idealismo, Hegel considerava que o universo corresponderia a uma dada materialização, vindo, antes do universo, o espírito, subordinando o primeiro. Adota-se, assim, a dialética ao idealismo (Politzer, 2001).

Deste modo, Marx e Engels, a partir de seus escritos literários, se preocupavam com os aspectos históricos e suas contradições, pautando-se não nas contradições lógicas, pois, essas seriam apenas abstrações, sem qualquer correspondência com a realidade. Assim, esses elementos não atendem às ideologias da classe dominante contidas nos significados dos termos verbais das obras literárias. Marx era crítico da análise idealista, fato que o levou a construir uma obra intitulada a *Miséria da Filosofia* em 1847, obra escrita em francês propositalmente, endereçada a Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), para rebater as categorias lógicas hegelianas à Economia Política defendidas pelo autor em sua obra *Filosofia sobre a Miséria* (Politzer, 2001).

Na visão de Marx, categorias a partir de uma análise metafísica da economia política serviriam ideologicamente para ocultar a idealização e eternizar as condições materiais capitalistas. Assim, Marx, segue acompanhado de Engels que, no início de sua vida intelectual, se dedicou à crítica literária, preocupando-se com a consciência proletária e uma literatura revolucionária. Conforme Silva (2012, p. 35):

Marx é um dialético materialista não só por ter isolado, como ele dizia, o "cerne racional" da dialética hegeliana " e tê-lo aplicado ao estudo da história no âmbito das relações materiais de produção; também o é por ter materializado a dialética em um estilo literário que é a mais perfeita expressão do movimento lógico-histórico em que ela consiste. [...] Marx conscientemente tentou expressar, mediante certas particularidades do seu estilo literário e mediante um específico movimento verbal, o próprio movimento real a que se referem os seus textos. Falando em termos semântico-sintáticos, as relações formais e lógicas em que Marx inscreve os signos verbais constituem uma movimentação plástica destinada a refletir as relações materiais e históricas dos significados.

De acordo com Siqueira e Pereira (2011), Marx e Engels acreditavam que a história da humanidade é marcada por lutas entre classes sociais e que o capitalismo é uma forma de exploração que só pode ser superada por meio da revolução proletária. Eles desenvolveram uma teoria social e econômica conhecida como marxismo, que influenciou profundamente o pensamento político e social do século XX. Apesar de suas ideias terem sido muitas vezes mal interpretadas e distorcidas, a obra de Marx e Engels continua a ser uma referência importante para a compreensão sobre as dinâmicas de organização social e as possibilidades de transformação coletiva. Exposto isso, passamos para o próximo tópico, no qual abordamos a metodologia que embasa nossa investigação.

LITERATURA REVOLUCIONÁRIA PARA UMA CONSCIÊNCIA PROLETÁRIA

Estabelecemos nossas reflexões compreendendo que a atividade humana está entrelaçada às várias esferas ideológicas. Destarte, a literatura não possui um desenvolvimento autônomo, uma vez que “[...] ela sofre consequências e manifestações das forças de produção e das lutas de classes” (Lukács, 2010, p. 19). A atividade é diretamente influenciada pelas consequências da estrutura que, de acordo com Netto e Braz (2012), constituem-se como a base econômica da sociedade, implicando o conjunto das instituições e ideias determinadas, por ela, compreendida como a superestrutura, concebendo fenômenos extra econômicos que compreendem as instâncias jurídicas, ideológicas ou as formas de consciência social.

A literatura, no pensamento de Marx e Engels, corresponde um elemento importante na batalha contra a sectarização e o oportunismo ideológico burguês, frente ao proletariado, definindo-se como uma oportunidade de implementar a consciência revolucionária da classe proletária. De acordo com Lukács (2010), no desenvolvimento mais tardio do pensamento de Marx e Engels, a literatura é vista como uma forma de expressão artística que pode contribuir para a conscientização da classe trabalhadora sobre a sua condição de exploração e opressão, além de apresentar alternativas para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Segundo Lukács (2010), a literatura proletária deve ter como objetivo principal a representação fiel e verossímil da realidade vivida pelos trabalhadores, utilizando-se de uma linguagem clara e acessível para que possa ser compreendida e assimilada por uma ampla parcela da população. Dessa forma, a literatura se torna uma ferramenta importante na luta pela emancipação das classes trabalhadoras e na construção de uma sociedade socialista. “A categoria ontológica do trabalho, por conseguinte, torna-se imprescindível em qualquer estudo que se anuncie na perspectiva da totalidade histórica” (Martins; Lavoura, 2018, p. 232).

De acordo com Martins e Lavoura (2018), diante do contexto de alienação, a cultura, a arte e a literatura apresentam-se como formas de resistência e resgate da humanidade, uma vez que permitem a expressão da subjetividade e das emoções humanas. Por meio da arte e da literatura, é possível questionar a realidade vigente e propor novas formas de organização social, além de promover a reflexão crítica sobre o mundo em que vivemos. A cultura, portanto, assume um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a produção da vida por meio do trabalho seja realizada de forma livre e consciente:

O processo de produção da vida por meio do trabalho, por sua vez, existe como objetivação dos homens (MARX, 2008), enquanto manifestação de suas próprias forças, expressando-se como natureza humana objetivada e manifestação de suas capacidades essenciais. Ocorre, porém, que a organização social capitalista calcada na propriedade privada dos meios de produção tem obstruído esse processo, uma vez que a atividade do indivíduo e seu resultado, tornando-se independentes, alienados, acarretam a subordinação do produtor ao produto de seu trabalho (Martins; Lavoura, 2018, p. 232).

Desta forma, Lukács (2010, p. 35) assevera que Engels, em um certo momento, teria aconselhado sempre os trabalhadores “[...] a não supervalorizarem a produção literária da burguesia da época, mesmo em seus melhores produtos, conservando diante dela a atitude correta, crítica e revolucionária”. Os proletários, agindo assim, sem preconceitos, a partir da literatura, entendem-na, antes de mais nada, como política, uma vez que essa forma de manifestação, torna possível a abertura para muitas concessões e referências. A ideologia contida na literatura burguesa, poderia influenciar os escritores na adoção de um pensamento que deixasse ao largo a indignação revolucionária do proletariado. Lukács (2010, p. 37), afirma que, por trás dos conselhos de Engels, “[...] está sempre a preocupação política do aburguesamento da consciência dos trabalhadores”. Portanto, Engels tinha a esperança de que a classe proletária adquirisse uma consciência sadia e extirpasse os influxos burgueses.

Para Massuia (2013), descortina-se as tentativas pela fundamentação de uma teoria estética marxista autônoma, culminando na existência de uma estética *in nuce* nos escritos de Marx e Engels. Em seus manuscritos datados de 1844, citando trechos de Shakespeare e Goethe, Marx mostra como as relações mercantis eram compreendidas, em uma sociedade na qual os homens se manifestavam e alcançavam poder e reconhecimento, por meio de suas posses (Massuia, 2013). Por sua vez, Engels critica o idealismo literário e explica a relação entre estrutura e superestrutura, forma e conteúdo, destacando que sua compreensão dialética é fundamental para evitar desigualdades na literatura burguesa e proletária revolucionária.

Durante o ano de 1843, Marx deixou de lado o estudo da arte por causa, certamente, da sua atribulada militância jornalística e do início de seu exílio em Paris. Em 1844, a mudança nos rumos de suas investigações repos o interesse pela arte, como transparece nas páginas dos *Manuscritos econômico-filosóficos*. Marx, então, debate-se com a dupla influência de Hegel e Feuerbach, fato que marcará profundamente as suas incursões na estética. Estamos diante de um jovem autor às voltas com influências teóricas contraditórias e desejoso de encontrar um caminho para poder consolidar suas próprias ideias (Frederico, 2012, p. 3).

Por conseguinte, a literatura idealista, ao produzir a desigualdade, estava a serviço da manutenção do *status quo* do sistema capitalista, resultando na exploração da classe burguesa em relação a classe proletária. Em tese, percebe-se que Marx e Engels viam a literatura como um aspecto relacionado à superestrutura, sofrendo as influências da base econômica, 'estrutura' (Netto; Braz, 2012). Assim, eram levadas em conta as questões relativas ao proletariado, no que tange ao seu despertar, tendo em vista o alcance da consciência revolucionária, provocando a superação do modo de produção capitalista. Observemos o que diz Lukács (2010, p. 43):

Engels combate amplamente toda a concepção idealista da literatura e na teoria da literatura e assim faz uma grande crítica ao Sickingen de Lassalle. Por outro lado, quando Lassalle configura seus personagens a partir das grandes lutas históricas Engels concorda com ele.

Conforme o fragmento acima, Ferdinand Lassalle é contemporâneo de Marx, todavia a crítica ocorre em decorrência de sua interpretação dos fenômenos, a partir do idealismo, não se apropriando do materialismo dialético. De acordo com Cotrim, (2016), a crítica de Marx e Engels em relação à obra de Lassalle, se deu com a criação de um personagem histórico apenas para dar caráter mais fidedigno às forças motrizes do período retratado historicamente. Todavia, as questões abstratas que retratam as lutas de classe e os interesses em jogo entre elas não foram enfatizados na sua obra:

A classe que Sickingen representa é objetivamente uma classe em vias de desaparecimento, cujos interesses, vinculados à própria permanência da classe, não podem ser senão a manutenção da forma social passada, que está passando por um período de transformação. Não obstante, no personagem individual de Sickingen – é a despeito dos interesses de sua classe - Lassalle faz incorporar o princípio universal da revolução, “a ideia de revolução”. E essa abstração idealista o faz exacerbar ainda mais o princípio schilleriano dos personagens como porta-vozes do espírito. Disso decorrem dois problemas de seu drama: a ausência dialética de indivíduo e classe, e o destacamento místicos das ideias com relação à existência efetiva dos indivíduos e, centralmente, às suas ações (Cotrim, 2016, p. 128).

Portanto, o drama, apesar de trazer uma certa historicidade, ignora o movimento contraditório, em relação às lutas de classes. Outrossim, a literatura deve levar em consideração os aspectos históricos e principalmente as influências ocasionadas pelos modos de produção, observando as contradições existentes entre as classes originárias, para que seja considerada uma literatura revolucionária. Ela, assim como as outras manifestações

artísticas, é fruto de uma superestrutura ideológica que se alicerça nas condições econômicas. Embora a literatura apresente uma certa autonomia, ela também sofre influências das outras superestruturas ideológicas como a filosofia, as ciências, o direito, a moral, a religião, etc. (Cotrim, 2016).

Outro ponto importante da crítica de Marx sobre a questão de Lassalle foi o uso do drama de Sickingen como instrumento de propaganda política. De acordo com Trotsky (1969, p. 10), o exemplo de Shakespeare que retratava “o homem e a sociedade do seu tempo, a agonia de uma classe e a ascensão de outra”, deveria ser seguido. Por sua vez, seus dramas abordavam as tendências próprias do desenvolvimento social que brotavam. Enquanto Marx via na schillerização de Lassalle, uma transformação do teatro para a defesa de suas teses políticas, por mais nobres que fossem suas ideias, a obra permaneceu prejudicada, uma vez que o drama não deixa claros seus ideais políticos.

De acordo com Trotsky (1969), Engels defendia que quanto mais as intenções políticas de um autor estivessem sobrepujadas, melhor seria para a obra de arte, pois o realismo poderia se manifestar fora das ideias do autor. Engels acreditava que a arte deveria ser livre de intenções políticas, permitindo que o realismo fosse expresso de forma autônoma. Isso significa que a arte deve ser capaz de transmitir uma mensagem sem precisar ser comprometida com as crenças políticas ou ideológicas do autor.

Para Engels, as obras de arte que são criadas sem a intenção de fazer uma declaração política são mais eficazes em transmitir uma mensagem universal, que pode ser apreciada por pessoas de diferentes origens e ideologias. Consequentemente, a arte pode ser vista como um meio de conectar pessoas e promover a compreensão mútua, independentemente de suas diferenças políticas ou culturais (Trotsky, 1969). Vemos na seção seguinte algumas possibilidades de articulação de Marx e Engels para a promoção de questionamentos sobre a dominação social, na esfera educativa.

As leituras nos mostram que Marx e Engels, desde jovens, enveredaram pela literatura. Ambos liam e escreviam em vários idiomas europeus. Além disso, existe uma gama de extratos de diversos artigos, cartas e passagens de trabalhos acadêmicos durante suas vidas e, na edição alemã de ambos os autores sobre a arte e a literatura há mais de mil páginas abordando a temática. Todavia, os revolucionários não chegaram a escrever um documento sistemático sobre o tema, gerando interpretações por parte de seus leitores (Lukács, 2010).

Apesar das várias interpretações Lukács (2010), conseguiu enxergar nesses escritos a estética. Percebe-se, de forma evidente, que Marx e Engels fugiram do idealismo para uma análise histórico dialética da literatura, pois ela faz parte da superestrutura do modo de produção da sociedade capitalista, sofrendo, portanto, influências da estrutura econômica. Segundo Lukács (2010, p. 20), “Marx e Engels jamais subestimaram a importância das sadias tendências na literatura e na teoria literária”. Todavia, “o interesse deles pela crítica da literária corresponde apenas uma parte da sua atividade geral, na elaboração, reforço e defesa da linha proletária na economia, na política e na ideologia”.

Percebe-se que a crítica da literatura em Marx e Engels, corresponde apenas uma parte de suas atividades em geral, já que eles se dedicaram à compreensão sobre o modo de produção capitalista e as contradições ocasionadas por ele, tendo em vista a divisão de duas classes: o burguesa e o proletariado. Para entender de forma sólida o capitalismo, Marx, com as contribuições de Engels, passou a se dedicar ao estudo na economia para escrever sua obra mais importante intitulada *O Capital: a Crítica da Economia Política*, na qual esclarece de forma concreta as categorias que explicam a exploração do proletariado (trabalhador) pelo burguês (os donos dos meios de produção). Contudo, desenvolvemos interpretações importantes entre sua teoria e as manifestações culturais. A seção a seguir promove uma tentativa de aproximação entre essas duas noções.

LITERATURA E SEU USO E A RESISTÊNCIA À DOMINAÇÃO NA ESFERA EDUCACIONAL

Na presente seção desenvolvemos um pouco mais os aportes pensados na formulação das questões colocadas para a escrita deste artigo. Considerando a importância da literatura para que se possa traçar métricas para o questionamento do capitalismo, indicamos alguns caminhos para a organização social, a partir de questionamentos sobre as bases que reproduzem as desigualdades sociais. Queiroz e Costa (2012) apontam que em *O Capital*, Marx recorre aos expoentes da literatura para ampliar o foco dos pressupostos por ele defendidos.

Alguns exemplos dessa recorrência são citados por Queiroz e Costa (2012, p. 15), como a célebre frase de Shakespeare: “A objetividade do valor das mercadorias diferencia-se de Wittib Hurting, pois não sabe por onde apanhá-la”, comparando as noções discutidas e a imagem dos personagens presentes nas obras por ele citadas. Conforme Queiroz e Costa (2012, p. 15), a mistura entre a técnica e o método se fundamentam:

Porque aí a passagem literária cria um liame entre o problema e a necessidade de seguir procurando a sua solução. A figuração começa a apontar uma saída, mas é colocada dentro de um campo de reflexão que não começa e nem com ela se encerra. A literalidade do termo é uma pista, ou, como diria o poeta Drummond de Andrade, é uma rima, não é a solução. Ou melhor: é no máximo uma solução provisória exigindo um exercício complementar de reflexividade.

Shakespeare, sem exageros, parece fazer parte da métrica marxista, tornando-se um de seus principais protagonistas. Esse fator decorre da importância da literatura na vida dos indivíduos, tornando com que a construção de correspondências seja mais fácil e rapidamente estabelecida. Marx e Engels aludem sobre isso:

Marx recorre livremente às expressões da vida cotidiana e a giros idiomáticos de dialetos provinciais; cria neologismos, toma de empréstimo seu material ilustrativo de todas as esferas científicas e suas citações são extraídas de uma dezena de idiomas. Para compreendê-lo, é realmente imprescindível dominar perfeitamente o alemão falado e o literário e, além disso, conhecer um pouco a vida alemã (Marx; Engels, 2010, p. 94).

Se por um lado os conceitos apresentados por Marx e Engels para o debate sobre a exploração do homem pelo homem, a partir da lógica do capital não eram de fácil entendimento, por outro, o uso da literatura potencializa verdadeiras mediações. Essas mediações jamais ocorreram de forma aleatória, uma vez que Marx expressava de forma profunda os conteúdos que desejava debater. “Deste modo, já é possível notar que Marx usa expressões e personagens literários como forma de ampliar a pesquisa e enriquecer a argumentação, a despeito de que isso pudesse representar uma via de enriquecimento estilístico” (Queiroz; Costa, 2012, p. 28).

Para Marx e Engels (2010), a produção cultural não pode ser vista de forma isolada, mas sim como uma manifestação das condições sociais e econômicas de uma determinada época. Assim, a arte e a literatura são influenciadas diretamente pela luta de classes e pelas relações de poder presentes na sociedade. Destaca-se a importância da cultura como uma forma de resistência e de luta contra a opressão. A arte e a literatura podem ser ferramentas poderosas na construção de uma consciência crítica e na mobilização das classes oprimidas. Por sua vez, a produção cultural muitas vezes é utilizada como uma mercadoria, tendo seu valor determinado pelas leis do mercado e não pela qualidade ou relevância artística.

Cabe pensar como os conteúdos abordados em Marx, poderiam influenciar a explicitação de saberes relativos à desigualdade e à exploração, na literatura. Interessa-nos

situar, sobretudo, como algumas literaturas podem ser articuladas, tal como Marx tencionou, na atualidade. Utilizamos como exemplos os poemas *O Bicho* de Manuel Bandeira (1986) e *O Lixo* de Augusto de Campos (1986), esse último, parte da literatura concreta, que se utiliza das formas, rompendo com as composições tradicionais. Para realizar uma análise dos poemas "O Bicho" de Manuel Bandeira e "O Lixo" de Augusto de Campos a partir do Materialismo histórico-dialético de Marx e Engels, é necessário compreender alguns conceitos fundamentais dessa teoria.

Segundo Marx e Engels (2007), a história da humanidade é marcada por lutas de classes, onde a classe dominante impõe sua vontade sobre a classe dominada. Essa luta é motivada pela busca pelo poder e pela posse dos meios de produção, que são a base da sociedade. Em ambos os poemas percebemos questões sociais e políticas. Em "O Bicho", Manuel Bandeira faz uma crítica à sociedade que, assim como o bicho, é subjugada e oprimida. Já em "O Lixo", Augusto de Campos aborda a questão do desperdício e da poluição, mostrando como a sociedade atual é marcada pelo consumismo desenfreado e pela falta de preocupação com o meio ambiente.

Apresentamos uma análise dos poemas, de forma individual, com vistas à discorrer melhor sobre o Materialismo histórico-dialético e as possibilidades educacionais de articulação. Vemos, inicialmente, o poema de Bandeira (1986) como uma denúncia social, apresentando-se como um fio condutor para que se possa pensar nos ditames da vida moderna. Conforme expresso a seguir:

O Bicho
Vi ontem um bicho
Na imundice do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem (Bandeira, 1986, p. 179).

De acordo com Cavalcanti (2007), Manuel Bandeira foi um poeta modernista brasileiro que viveu no século XX. O poema "O Bicho" foi escrito em 1937, durante o período da ditadura de Getúlio Vargas. Nessa época, o país passava por um momento de censura e repressão, o que influenciou muito a produção artística e literária. No poema, Bandeira apresenta um animal que, apesar de ter características físicas repulsivas, desperta empatia e

compaixão no eu lírico. Essa figura pode ser interpretada como uma metáfora para o ser humano, que, mesmo com seus defeitos, merece ser amado e respeitado. Além disso, é possível perceber no poema a influência do movimento surrealista, que valorizava o inconsciente e o irracional. A escolha de um animal como protagonista e a descrição minuciosa de suas características físicas são características desse movimento.

O trabalho com a literatura em sala de aula deve ser sensível à capacidade de compreensão dos fenômenos debatidos, considerando o período a partir do qual se trabalha os conteúdos, contemplando a faixa etária dos estudantes e as experiências compartilhadas até então. Não nos cabe debater, propriamente, exemplos sobre como esse poema deveria ser abordado, em segmentos de ensino específicos. Nosso interesse parte da forma como esses poemas sensibilizam os seres humanos, a fim de fazê-los pensar criticamente sobre os desafios que a desigualdade impõe. Para Almeida, Pedrosa e Suasuna (2013, p. 34), a literatura trabalha como um importante fio condutor das múltiplas realidades, a partir das quais os seres humanos se desenvolvem:

De acordo com o contexto de cada época, a literatura, como fio condutor, mostra a realidade vivenciada pela sociedade, denunciando as formas de exclusão e abordando temas universais que afligem a população de modo geral. Dessa forma, a literatura tem como papel, expor a realidade, através de traços literários, que por sua vez, trabalha com a ficção, mas, baseada na verossimilhança com o real.

No poema de Manuel de Andrade, encontramos uma importante reflexão sobre a miserabilidade da sociedade. Ao retratar um indivíduo remexendo em uma lixeira como se fosse um ‘bicho’, o poeta utiliza-se de arranjos estruturais que causam repulsa aos leitores, a partir da busca por alimentos que não são próprios para o consumo humano. Vemos que o poema retrata um local sujo, onde se encontra o indivíduo, na busca por aquilo que, em geral, descartamos. Manuel de Andrade nos faz pensar sobre a forma como certos alimentos poderiam ser melhor descartados, dada a sua inutilidade para a venda, mas utilidade enquanto instrumentos de doação. Além disso, a procura desenfreada sem o devido exame sobre aquilo que é consumido marca um ser humano desesperado, ‘engolindo com voracidade’ tudo o que encontra, na busca por suprir sua fome.

A última estrofe de ‘O Bicho’ mostra uma situação de vulnerabilidade extrema e abandono presente em muitas cidades de nosso país. Infelizmente o Brasil é marcado pela desigualdade e pela falta de políticas públicas. Ao ser comparado a um bicho, o ser humano

que procurava por alimentos mostra a luta de muitos brasileiros pela subsistência, em condições degradantes. Essa também é a avaliação de Bremer (2011, p. 1):

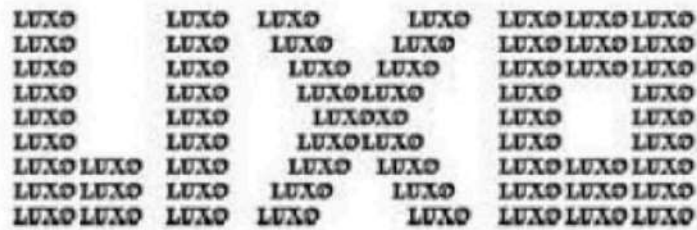
A poesia de Bandeira relata aspectos e situações da vida comum e ordinária, trazendo à tona detalhes esquecidos ou despercebidos. Porém, é válido destacar, novamente, que a poesia de Bandeira também é tomada por um caráter social, menos individualista e lírico, associado à participação e engajamento nas discussões sociais.

Podemos relacionar o poema de Bandeira (1986) com o trabalho de Marx e Engels, que fazem uma análise crítica da estrutura social e econômica do capitalismo. Assim como o bicho do poema, o ser humano é muitas vezes visto como um objeto de produção e consumo dentro de um sistema que o explora e o aliena. A ideia de que o homem se torna aquilo que produz é uma das principais críticas de Marx e Engels ao capitalismo. Além disso, o poema e o trabalho dos filósofos alemães destacam a importância da solidariedade e da luta coletiva por uma sociedade mais justa e igualitária. Enquanto o bicho do poema luta para se libertar, os trabalhadores também precisam lutar juntos para superar as desigualdades e opressões impostas pelo sistema capitalista.

Avançando, o poema Lixo, de Augusto de Campos (1986), também busca a sensibilidade social, representada pela reflexão estabelecida sobre a distinção entre as palavras lixo e luxo. Nesse poema, Augusto de Campos traz à tona a questão da desigualdade social, ao refletir sobre como palavras simples como "lixo" e "luxo" podem representar realidades tão distintas na vida das pessoas. Enquanto algumas pessoas têm o luxo de descartar objetos que já não lhes servem mais, outras têm que revirar o lixo em busca de algo que possa ser reaproveitado. O poema convida o leitor a refletir sobre as pequenas coisas do dia a dia que muitas vezes passam despercebidas, mas que têm grande impacto na vida das pessoas menos favorecidas.

Ao mesmo tempo, para Dolci (2011), a poesia de Augusto de Campos é uma crítica à sociedade de consumo, que muitas vezes valoriza mais os objetos materiais do que as pessoas. A figura 1 mostra a representação, típica da poesia concreta, movimento literário que surgiu no Brasil, na década de 1950. Esse movimento tem como objetivo explorar a linguagem de forma inovadora, criando uma arte verbal que pudesse ser compreendida de forma visual e sonora.

Figura 1: Poema Lixo de Augusto de Campos



Fonte: Campos (1986).

A poesia concreta traz importantes contribuições, uma vez que permite a construção de reflexões a partir de construções estéticas (Dolci, 2011). Nesse caso, esse poema denuncia o consumismo extremo, que aumenta a quantidade de lixo produzida e dispensada no meio ambiente. A utilização da poesia concreta de Augusto de Campos pode ser vista como uma forma de inovação artística que desafia as convenções estabelecidas. Acreditamos que o poema "O Lixo" é um exemplo marcante dessa estética, com a disposição das palavras e dos elementos gráficos criando uma imagem visualmente impactante.

É possível estabelecer uma conexão entre esse poema e as reflexões de Marx e Engels sobre a sociedade e a economia. Ao explorar a temática do lixo, o poema de Campos (1986), traz à tona questões relacionadas ao consumismo, ao desperdício e à desigualdade social. Assim como Marx e Engels criticavam o sistema capitalista por gerar desigualdade e exploração, a poesia de Campos (1986) pode ser vista como uma crítica à sociedade de consumo e aos valores que a sustentam. A arte e a política, portanto, podem se unir em uma reflexão sobre os problemas e desafios que enfrentamos em nossa época, assim como vislumbraram Marx e Engels ao tratarem da estética literária.

Assim como Manuel Bandeira (1986), Augusto de Campos (1986) retrata a desigualdade social e seus efeitos, capacitando debates sociais importantes e mostrando a força e a potência da literatura como um artifício de reflexão social. A distribuição das riquezas não é igualitária, isso Marx já afirmava em diversos de seus estudos. Contudo, a exploração humana toma contornos ainda maiores. Cabe à diferentes instâncias sociais a promoção de reflexões que permitam a sensibilidade social em direção a mudanças substanciais que melhoram nosso futuro.

Os poemas O Bicho de Manuel Bandeira e Lixo de Augusto de Campos podem ser excelentes ferramentas pedagógicas para a formação de cidadãos críticos no combate à desigualdade social. Ambos os poetas abordam temáticas sociais importantes, como a pobreza, a exclusão social e a marginalização. Ao explorar esses temas em sala de aula, os

alunos podem ser incentivados a refletir sobre as desigualdades presentes em nossa sociedade e a buscar soluções para combatê-las. Além disso, a análise dos poemas pode estimular o desenvolvimento de habilidades de interpretação e análise crítica, fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e engajados. A realização de atividades práticas, como a produção de textos e poesias pelos próprios alunos, abordando temáticas sociais semelhantes às presentes nos poemas estudados, também é uma possibilidade. Dessa forma, os estudantes têm a oportunidade de expressar suas opiniões e ideias de forma criativa e engajada.

A literatura é uma ferramenta poderosa para essa reflexão, capaz de comunicar ideias e mensagens de maneira criativa e envolvente (Marx; Engels, 2010). Autores como Bandeira e Campos usam a arte literária para mostrar as consequências da desigualdade social e como ela afeta a vida das pessoas. Ao ler suas obras, é possível compreender melhor o impacto da exploração humana e refletir sobre maneiras de mudar essa realidade. Portanto, é importante valorizar a literatura como uma forma de conscientização e transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos, para a produção deste estudo, contribuir para o entendimento das articulações possíveis entre Marx e Engels e a literatura, entendendo-a como uma criação humana, tornando-se, portanto, parte da superestrutura do modo de produção vigente. Para tal, o proletariado necessita adquirir uma consciência revolucionária para superação desse modo de produção, dividido em classes, burgueses e proletários. A literatura, nesse sentido, pode ser utilizada como uma ferramenta de conscientização e mobilização social, retratando a realidade dos trabalhadores e suas lutas por melhores condições de vida e trabalho.

A análise marxista da literatura permite compreender as relações de poder e dominação presentes nas obras, revelando as contradições e conflitos sociais de uma determinada época. Dessa forma, a literatura pode ser utilizada como um instrumento de transformação social, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. É fundamental destacar a importância da educação para a formação de uma consciência crítica e revolucionária. Por meio do ensino de obras literárias que retratam a luta de classes e a exploração dos trabalhadores, é possível despertar nos alunos a

compreensão da realidade social em que estão inseridos e a necessidade de transformação dessa realidade.

A literatura pode ser uma ferramenta poderosa para o desvelamento das desigualdades sociais, uma vez que permite ao leitor acessar diferentes perspectivas e vivências. As escolas podem desenvolver estratégias para trabalhar a literatura como um produto de crítica social, promovendo debates e reflexões sobre questões sociais relevantes. É fundamental que os educadores estejam preparados para lidar com as temáticas abordadas pelas obras literárias, garantindo um ambiente acolhedor e seguro para que os alunos possam expressar suas opiniões e dúvidas. É mister aproveitar o potencial da literatura para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes, capazes de compreender e atuar diante das desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. do S.; PEDROSA, F. B. De S.; SUASUNA, J. F. *Leitura analítica* – interpretativa do poema “O bicho” de Manuel Bandeira. 2013.

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

BREMER, L. M. *A imagem da realidade* – poesia ‘O Bicho’ de Manuel Bandeira. Universidade Federal de Santa Catarina. 2011.

CAMPOS, A. de. *Viva Vaia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAVALCANTI, L. M. D. *Música popular brasileira e poesia: a valorização do “pequeno” em Chico Buarque e Manuel Bandeira*. Belém: Paka Tatu, 2007.

COTRIM, A. *Literatura e Realismo em Gyorgy Lukács*. Editora Zouk. Porto Alegre, 2016.

DOLCI, M. H. *A imagem poética na poesia concreta de Augusto de Campos*. 2011. 42f. Monografia (Bacharelado - Letras) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011.

FREDERICO, C. A arte em Marx: um estudo sobre os manuscritos econômico-filosóficos. *Revista Novos Rumos*. 2012. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2144/1771>. Acesso em: 27 mai. 2023.

LUKÁCS, G. *Marxismo e teoria da literatura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Expressão popular. São Paulo, 2010.

MASSUIA, R. da R. *Marxismo e Literatura*. A recepção de György Lukács em Leandro Conder e Carlos Nelson Coutinho. São Paulo; Unesp, 2013.

MARTINS, L. M.; LAVOURA, T. N. Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação em educação. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 71, p. 223-239. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/75VNGFj5PH5gy3VsPNp3L6t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 dez. 2023.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*, São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

NATALI, M. P. Além da Literatura. *Literatura e Sociedade*, [S. l.], v. 11, n. 9, p. 30-43, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19710>. Acesso em: 20 maio. 2023.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. *Economia política*. Uma introdução crítica. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

POLITZER, G. *Princípios elementares de filosofia*. Tradução de Sílvio Donizete Chagas. São Paulo: Centauro, 2001.

QUEIRÓZ, F. J. C.; COSTA, F. J. F. Marx e a literatura: um estudo à luz do capital. *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, Fortaleza, n. 4, p. 11-30, 2012. Disponível em: http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo1_20131.pdf. Acesso em: 27 mai. 2023.

SILVA, L. *O Estilo Literário de Marx*. (Tradução: José Paulo Netto). São Paulo: Expressão Popular, 2012. (Coleção Arte e Sociedade).

SIQUEIRA, S. M. M.; PEREIRA, F. *Aspectos da vida e obra de Marx e Engels*. Salvador-BA: LEMARX, 2011.

TROTSKY, L. *Literatura e revolução*. Tradução de Luiz Alberto Moniz Bandeira. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1969.

VEDDA, M. *Escritos sobre a literatura*. Karl Marx e Friedrich Engels. Tradução de Fernanda Aren, Silvina Rotemberg e Miguel Vedda. Bueno Aires: Colihue, 2003.

Recebido em 01 de junho de 2023.

Aprovado em 08 de dezembro de 2023.

